

Com. Bral

O ajuste que falta

13 SET 1994

Os relatórios que o World Economic Forum, entidade sediada em Davos, na Suíça, divulga anualmente, sobre a competitividade dos países, têm sido utilizados por alguns dos mais influentes homens de negócios de todo o mundo como um importante instrumento para decisões a respeito de investimentos.

Nesses relatórios, o Brasil tem sempre ocupado posições pouco confortáveis. O relatório mais recente foi divulgado na semana passada e, nele, a posição do Brasil, embora tenha melhorado um pouco, continua ruim. É o antepenúltimo colocado numa lista de 41 países.

Será, no entanto, o Brasil tão pouco competitivo assim? Não há razão para se questionar a qualidade do relatório do World Economic Forum, que, sem dúvida, é um documento indispensável para se saber qual é o pensamento predominante da comunidade empresarial internacional a respeito da situação econômica dos diferentes países. É preciso observar, no entanto, que esse relatório avalia principalmente o ambiente dos negócios — as instituições, a situação financeira do governo, o grau de intervencionismo estatal, a estabilidade da moeda e das regras econômicas, entre outros itens —, mas não necessariamente a competitividade das empresas que operam nesse ambiente.

Para analisar o ambiente econômico brasileiro, o World Economic Forum levou em consideração dados que eram verdadeiros até alguns meses atrás. Quanto às instituições, de fato, por causa do fracasso da revisão constitucional, pouco se fez para modernizá-las. Questões como monopólios estatais, restrições ao capital estrangeiro, limites ao processo de desestatização e desregulamentação não foram tocadas. Isso representou, para o Brasil, perda de pontos na classificação do World Economic Forum.

Não é por mero acaso que os países latino-americanos que completaram suas reformas estruturais e conseguiram, não sem esforço e persistência, a estabilidade

e econômica estão bastante à frente do Brasil na classificação. O Chile ocupa a 22ª posição, à frente da Espanha e da Itália; o México, a 26ª; a Argentina, a 27ª; e a Colômbia, a 30ª. Entre nossos vizinhos, só a Venezuela, abalada por séria crise política e econômica, fica atrás de nós.

O Brasil, porém, está caminhando na direção da estabilidade econômica, o que contribuirá para melhorar a classificação no próximo relatório do World Economic Forum. Mais do que isso, no entanto, é importante destacar que o Brasil tem, sobre os países vizinhos, uma vantagem até agora indiscutível: a pujança de seu setor privado.

A crise econômica recente afetou o desempenho das empresas privadas e obrigou-as a promover profundos ajustes. Agindo com rapidez, as empresas privadas incorporaram novas tecnologias, promoveram mudanças organizacionais e modernizaram as técnicas gerenciais. Como resultado, a produtividade na indústria cresceu 25% de 1988 para cá. Esse notável avanço foi, em boa parte, estimulado pela abertura da economia brasileira, com a redução da alíquota média do Imposto de Importação de 52% para 14% em quatro anos.

Uma comprovação incontestável do avanço da indústria brasileira está no número de empresas que já obtiveram o certificado ISO 9000, documento que logo será indispensável para se entrar nos mercados mais competitivos do mundo. Até agosto, 376 empresas brasileiras haviam conquistado esse certificado. É um número muito próximo do que foi atingido pelo Japão, com 400 empresas, e muito superior ao apresentado por países como México, com 150 empresas certificadas, e a Argentina, com 15.

O setor privado, como se vê, fez os ajustes necessários. Falta o setor público fazer a sua parte. E é isso, fundamentalmente, que mostra o relatório do World Economic Forum.